



Sábado

05-12-2019

Periodicidade: Semanal
Classe: Informação Geral
Âmbito: Nacional
Tiragem: 116250

Temática: Diversos
Dimensão: 692 cm²
Imagem: S/Cor
Página (s): 64

VÁ LÁ À SUA VIDA

Já tínhamos o melhor jogador de futebol do mundo. Depois fomos eleitos o melhor destino turístico do mundo. Finalmente, José Sócrates revelou que temos os melhores amigos do mundo. O que é que o “homem médio” tem a dizer sobre isto?

Uma breve parábola do homem médio

SÃO CADA VEZ MAIS FREQUENTES AS REFERÊNCIAS AO “HOMEM MÉDIO” nas sentenças e acórdãos. De repente, os magistrados lembraram-se que existe um tipo comum, sem estudos em direito, muito menos sem uma cátedra do Centro de Estudos Judiciários. A doutrina acerca do “homem médio” tem evoluído. Nos últimos anos, a densificação do conceito foi perdendo a referência ao “bom pai de família”, não fossem os movimentos feministas e LGBTI ficarem indignados com uma eventual discriminação. Por homem médio entende-se um fulano ou fulana nem muito esperto, nem burro como uma porta. Está ali no meio, com uma capacidade média (lá está) de compreender e ter uma visão crítica sobre o mundo.

Normalmente, os magistrados convocam o “homem médio” para as decisões sempre que lhes dá jeito fundamentar uma convicção, colocando o

ônus no cidadão comum, simulando uma (pretensa) humildade intelectual ao vestirem o fato de um simples homem do povo que está a julgar ou a decidir um processo. “De acordo com os padrões do homem médio”; “o exame das circunstância feito pelo homem médio”; “são os cuidados esperados de um homem médio”; expressões que se encontram na extensa base de dados dos tribunais portugueses.

A chamada do “homem médio” para este texto vem a propósito dos cinco dias de atuação de José Sócrates no Tribunal Central de Instrução Criminal, perante o juiz Ivo Rosa. Ao contrário de interrogatórios anteriores, o arguido surgiu mais calmo, vestindo ele próprio o fato de “homem médio” perante a justiça. Aliás, uma das expressões mais utilizadas por José Sócrates foi, precisamente, “era normal”. A normalidade, porém, em Sócrates rege-se por diferentes categorias: era normal gastar 40 mil euros, perdão, 30 mil euros numas férias e, no ano seguinte, voltar ao mesmo, mesmo sabendo que o amigo, Carlos Santos Silva, entre o deve e o haver, tinha uma posição credora muito superior.

O “homem médio” levado pelo antigo primeiro-ministro à sala do tribunal em pouco ou nada difere do “homem de negócios” que emergiu durante os anos da governação do antigo primeiro-ministro: não há di-

nheiro? Vamos à banca, esse poço infindável de recursos, para alguns, que se tornou um pesadelo para os contribuintes. Mas, de facto, e nisso José Sócrates tem razão, “era normal” um qualquer fulano ir à banca buscar uns valentes milhões de euros, que um dia seriam pagos ou, como era prática, arranja-se um segundo financiamento para pagar o primeiro ou avançava-se para um *roll over*, termos em finanças para designar “quando pudeses, pagas isto”. Era este o conceito de normalidade a que estávamos habituados E como nos explicou Margaret Atwood, mesmo que isso não nos pareça normal, passado um tempo será. E assim foi.

Por muito que Ivo Rosa desconfie das acusações do Ministério Público e que, legitimamente como juiz, seja exigente no que toca à prova dos factos, a sua conversa com José Sócrates pode ter-lhe dado o impulso que necessitava para pronunciar o antigo primeiro-ministro, que continua preso numa dimensão muito para além do entendimento do “homem médio”. No fundo, o mesmo que votou nele e agora continua a vê-lo vestido de político, a defender a sua “normalidade do acontecer”, que se aproxima mais de uma imoralidade e de uma falta de vergonha na cara.

Do que, em síntese, José Sócrates nos quer convencer a todos é que, além do melhor jogador de futebol do mundo e do melhor destino turístico do mundo, Portugal é ainda o

País com os amigos mais generosos do mundo. A grande dúvida, no meio disto tudo, é se o homem médio tem a suficiente capacidade crítica para analisar o discurso de Sócrates ou se, por outro lado, está roidinho de inveja da vida que o antigo primeiro-ministro levou. É este o dilema do juiz Ivo Rosa: perceber o que vai na cabeça do tal homem médio para tomar uma decisão. □



Subdiretor
Carlos Rodrigues Lima

